

**O negro como sujeito comunicante:
interlocuções acerca da análise midiática da série “Cara gente branca”**

*The black as a communicating subject:
interlocutions about the media analysis of the series "Dear white people"*

Acácio Morais SILVA¹

Resumo

Este ensaio tem por objetivo compreender como os meios de difusão midiática contribuem para uma visibilidade da população negra, a partir de suas vivências. Com isso o estudo terá como sujeito embaixador a série intitulada “Cara Gente Branca”, especificamente, uma personagem que utiliza a mídia como aliada na luta contra o racismo. Nesse aspecto iremos analisar os episódios da primeira sessão e enxergar os meios de comunicação como principais condutores dos reflexos cotidianos em que a personagem está inserida, além disso perceber a mídia como uma ferramenta emancipatória dos corpos negros, tendo em vista o poder das falas e as representações que os mesmos possuem. Utilizamos-nos das noções de discursos, mídia e identidade para compor o estudo teórico da pesquisa.

Palavras-chave: Meios de comunicação. Discursos. Mídia. Identidade. Corpo negro.

Abstract

This essay aims to understand how the means of media diffusion contribute to the visibility of the black population, based on their experiences. With this, the study will be based on the series entitled “Dear white people”, specifically, a character who uses the media as an ally in the fight against racism. In this aspect, we will analyze the episodes of the first session and see the media as the main drivers of the daily reflexes in which the character is inserted, in addition to perceiving the media as an emancipatory tool of black bodies, in view of the power of the speeches and the representations that they have. We used the notions of discourses, media and identity to compose the theoretical study of the research.

Keywords: Mass media. Speeches. Media. Identity. Body black.

¹ Graduando em Jornalismo pelo Instituto Interdisciplinar de Sociedade Cultura e Arte (IISCA) da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Bolsista PIBIC do Laboratório de Imagem e Estéticas Comunicacionais (Limbo). E-mail: acciomss@gmail.com

Introdução

Inspirada no longa-metragem de 2014, cujo título é o mesmo, “Cara Gente Branca” (*Dear White People*, em inglês), do diretor e roteirista Justin Simien, passa a ser uma série do serviço de *streaming* Netflix a partir do ano de 2017, contando hoje com 30 episódios em 3 temporadas. A série conta a trajetória de alunos negros na universidade fictícia de Winchester, que é predominantemente branca, e como eles lidam com o racismo, especialmente depois de uma festa de Halloween na qual alunos brancos usaram fantasias de pessoas negras, estabelecendo a inaceitável prática racista do *Black Face*.

Notoriamente, a questão racial é o tema central da série, abordada de forma satírica e humorística tendo um narrador como a voz principal que nos leva a entender a estrutura da mesma. “Cara Gente Branca” é dividida em episódios em que cada um é protagonizado por alunos negros, que mostram suas experiências e pontos de vista sobre as questões raciais e também suas posições enquanto negros numa universidade majoritariamente branca. Sendo assim, destacam-se enquanto personagens: Samantha White (Logan Browning), Lionel Higgins (DeRon Horton), Troy Fairbanks (Brandon P Bell), Coco Connors (Antoinette Robertson) e Reggie Green (Marque Richardson), que são os norteadores principais da trama.

A série também se passa num contexto midiático, em que Samantha, mulher negra, possui um programa na rádio comunitária estudantil - intitulado “Cara Gente Branca” dando origem ao nome da série - em horário de almoço e ouvido por toda a comunidade estudantil, e o programa tem como objetivo principal informar sobre as causas raciais e academicistas da universidade. Além disso há o Lionel, homossexual negro, que participa de um jornal estudantil chamado *Winchester Independent*, lido por toda a comunidade escolar. E como se não bastasse, há as repercussões online nas mídias sociais pelos alunos negros e brancos, além do ativismo digital, que passa por ambos os exemplos citados acima; e também a revista de humor satírico chamada *Pastiche*, sinalizando que a série é também uma crítica aos meios de comunicação e aos espaços em que os negros estão sendo colocados diante disso.

Seguindo o breve resumo da série, o objetivo deste trabalho é compreender como os veículos midiáticos contribuem para uma visibilidade da população negra, a

partir de suas vivências. Com isso o estudo terá como sujeito embaixador a série supracitada “Cara Gente Branca” e, como forma de aguçar o entendimento, o estudo terá um olhar voltado, especificamente, para a personagem Samantha White (Sam), que utiliza a mídia como aliada na luta contra o racismo, utilizando a sua voz como forma de impor seu lugar. Nesse aspecto iremos analisar os episódios da primeira parte da série e enxergar os meios de comunicação como principais condutores dos reflexos cotidianos em que a personagem está inserida, além disso perceber a mídia como uma ferramenta emancipatória dos corpos negros.

Justifica-se a relevância da escolha da série, por situar episódios em que os corpos negros na academia sofrem as opressões e preconceitos advindos de uma hegemonia branca-sexista, pois o corpo é repleto de significados. É ele que conquista o espaço e, por isso, ao observarmos uma manifestação em sua totalidade negra - neste caso, a participação protagonista negra na série -, não são apenas encontros corporais e sim reencontros com suas imagens de outras imagens no espelho anteriormente vividas (RATTS, 2006). E como meio de combate às hegemonias citadas anteriormente, a mídia é o principal refúgio que liberta esses corpos, salientando as suas lutas, identidades e reconhecimentos, pois, na atualidade, a mídia também começa a construir as relações materiais e imateriais que moldam a comunicação social como toda, fazendo com que a existência social seja uma necessidade e que as pessoas dependam dela cada dia mais para produzir e gerir processos individuais ou coletivos no seus diversos âmbitos (ALAKIJA, 2012).

Nesse viés, o estudo terá um olhar específico para a personagem já citada acima, por utilizar não só a mídia como agente catalisador dessas mudanças, mas também sua experiência vivida enquanto pessoa participante de classes que por anos foram subalternizadas; e quando sujeitos subalternos produzem leituras sobre suas condições e ser-estar no mundo, automaticamente os tornam sujeitos insubmissos e contestadores das diversas situações (PINHO, 2004). Por isso, o trabalho será dividido em duas partes: a mídia emancipatória e a intersecção discursiva da Sam. Terá, também, como bases teóricas, as noções de representação, identidade e mídia; interseccionalidade; hegemonia e contra-hegemonia, dentre outras conceituações que serão oportunas para a construção de entendimento do estudo.

A mídia e o poder de emancipação identitária

Em *A comunicação do oprimido e outros ensaios*, Eduardo Granja Coutinho, (2014) além de discutir uma variedade de temáticas pertinentes para a área comunicacional, também reforça sua dialética a partir dos pensamentos de Muniz Sodré, mais especificamente o conceito de *Arkhé* - sistematizado por Sodré - pelo qual ele ressalta que este conceito propõe um modo em como os grupos subalternos sociais se contrapõem ao sistema simbólico dominante a partir de suas visões de mundo nas comunidades (COUTINHO, 2014). Dado esse conceito, a *Arkhé* está intrinsecamente ligada à identidade de um povo, e pensar a comunicação como um instrumento ontológico que legitima esta identidade através das experiências é, também, pensar que o processo emancipatório começa a se edificar. Para Sodré (2006, p. 18), “a comunicação não deveria caminhar no sentido de uma maior verdade de seus conteúdos, e sim no sentido de uma “intensificação de si mesma como fim”, portanto a comunicação tende a se partilhar e não hegemonizar, logo a mesma constrói espaços identitários capazes de se intensificarem positivamente, pois “comunicar não é passar por cima das identidades, é fazer com” (WOLTON, 2006, p. 223).

Podemos interpretar a comunicação como um sistema que transfaz a realidade dos sujeitos, e esse sistema requer reelaborações que sejam realizadas pelos mesmos, que são influenciados - estruturalmente - por seus grupos (MACHADO, 2012). Pensar a comunicação como uma ferramenta de alforria é um processo social, pois esse sistema sempre esteve nas mãos de outros sistemas opressores, fazendo da mesma um sistema também opressor, branco e elitista. E por isso, em um contexto contemporâneo, a comunicação sempre foi importante para a construção dos discursos sociais, fazendo com que estes ganhem forma, voz e, acima de tudo, espaço. Nesse sentido, aspirou-se uma vontade de falar e escrever sobre as questões raciais em geral, identificando essa comunicação como negra, com o objetivo de ampliar os horizontes de espaços que antes não eram possíveis de se chegar.

Segundo Muniz Sodré (1999), a importância de uma comunicação, especificamente negra, começa a se estruturar quando os discursos sociais (sejam eles escolares, textos jornalísticos ou programas de radiodifusão) exercem um forte protagonismo tanto na produção quanto na reprodução do racismo. Então, é perceptível

que a mídia negra nasceu com o intuito de combater as violências de cunho racial, a fim de estabelecer seus espaços e suas falas, sobretudo em um contexto contra-hegemônico e contra-elitista. Sodré (1999) ainda afirma que a mídia é um gênero discursivo que oferece tais aparatos na qual são importantes para a construção de um pensamento longe de um sistema que deslegitima e marginaliza os corpos negros, então, como forma de efetivar as questões raciais em âmbitos majoritariamente opressores e que praticam o racismo e a desigualdade social, a mesma vem à baila para tentar quebrar esse paradigma.

Hodiernamente, a forma de vida em que os sujeitos subalternos de um determinado grupo social vivem os fazem manifestar e entender o seu caráter histórico e sentido da sua existência. E com isso, começa a se objetivar as suas respectivas interpretações simbólicas de ser-estar no mundo, nisso as suas identificações passam a tomar forma, individual e coletivamente (SODRÉ, 2006). Ao falarmos sobre discursos sociais e racismo, independentemente, é necessário ressaltar, sobretudo, a historicidade desses sistemas simbólicos culturais, pois é a partir desse contexto que nasce um pensamento massivo capaz de propor mudanças significativas estruturalmente. Por isso, ressalta-se a importância do meio discursivo midiático, pois essas narrativas “reelaboram os signos do passado, se apropriam de formas de linguagens populares, reinterpretam a tradição” (COUTINHO, 2014, p. 43). Nesse percurso, essas narrativas constroem concepções dos mais variados grupos sociais a partir de traços que simbolizam o passado (COUTINHO, 2014), fazendo com que o processo de identificação identitária se torne mais amplo e atravesse novos olhares e horizontes, até atualmente.

Seguindo a compreensão, a identidade e o reconhecimento se afluem na série “Cara Gente Branca”, ao observarmos que, nos momentos em que há um grande índice de preconceito racial na universidade, há também um grande movimento de alunos que legitimam suas falas e os seus lugares enquanto negros, e com isso implica o ato de identificar-se que vai desde o reconhecimento em si próprio, ou até algo que se percebe em alguém, fazendo uma alusão como espelhos que refletem imagem e semelhança (ALAKIJA, 2012). E desta forma, a mídia também passa a ter sua personalidade e sua cor, dando refúgio e liberdade de voz àqueles que por anos foram silenciados. Nesse viés, Ana Alakija (2012) conceitua esta ferramenta de emancipação midiática como “afromídia”, ou mídias afros:

As emergentes afromídias ou mídias afros são exemplos de mídia social contemporânea de identidade como resultado da fusão de várias tecnologias e tendo principalmente a internet para difundir suas mensagens (como sites, blogs, seguidores twitters, etc.). Elas constituem canais de expressão e visibilidade de e para um público segmentado (o público afro) que tem confrontado com a mídia convencional e dominante, em termos de quebra de padrões de imagem, linguagem e atitudes (ALAKIJA, 2012, p. 140-142).

Dessa maneira, as afromídias, atualmente, são sistemas de reprodução e emissão midiática identitária que se diferem da mídia convencional, com o objetivo de libertar as vidas de um povo oprimido, cujas vozes e escritas foram silenciadas e apagadas. Nesse contexto, as mesmas permeiam esse processo de ascensão ao devido lugar de fala, seja por meio da radiodifusão ou texto jornalístico, e nisso o corpo negro, que faz parte desses meios comunicativos, transforma a sua identidade como um reconhecimento e como perspectivas de recriar o pensamento negro, tornando o mesmo corpo um território de poder e racialização (RATTS, 2006).

Sob esse olhar, a série escolhida para o estudo, já citada anteriormente, exemplifica e torna nítido como funcionam essas mídias afros e qual o poder delas de engajar as lutas desses grupos subalternizados e marginalizados. É nitidamente visto que a presença midiática na série é o principal enfoque da trama, que se passa em torno das mídias sociais e dos meios de comunicação. É também uma história que conta o racismo acadêmico por alunos negros, sendo possível observar, igualmente, que o racismo também se instaura midiaticamente; por exemplo, no meio radiofônico existem dois programas de rádio comunitária estudantil que confrontam entre si: o “Cara Gente Branca” e o “Cara Gente de Direita”. Respectivamente, um promove um forte discurso de combate ao racismo, e o outro reage de forma racista e opressora diretamente ao primeiro programa.

Nesse sentido, a identidade negra passa por um processo emancipatório promovido pelo primeiro programa de rádio comunitária estudantil citado, que segundo a conceituação de Ana Alakija (2012), é considerado uma afromídia, pois ele produz e reproduz assuntos pertinentes de e para um grupo específico, além de dar visibilidade para essas pessoas negras. E isso também entra em consonância com o estudo de *Arkhé*, na qual esses grupos que estão sempre à margem adentram ao centro e estabelecem seus lugares. Portanto, a mídia é detentora de um importante papel na vida de sujeitos

negros, enquanto comunicadores principalmente, pois a partir de suas experiências a mídia molda um foro emancipatório criando espaço, voz e cor.

Contra-hegemonia e interseccionalidades midiático-discursivas: atravessamentos da personagem Sam White

Seguindo a linha de pensamento e a estrutura do trabalho, a série “Cara Gente Branca” foi escolhida pois constitui elementos importantes na sua narrativa capazes de desencadear pensamentos prósperos futuramente em um viés midiático, e, com base nisso, a personagem escolhida para o corpo central do estudo é a Samantha White, interpretada pela atriz Logan Browning. A personagem tende a refletir visões de mundos contemporâneos constitutivas no seu discurso, que se podem atravessar por três olhares simbólicos: o contra-hegemônico, o interseccional e o discursivo-midiático.

Sam White é uma estudante do Curso de Estudos Audiovisuais da Universidade de Winchester, mulher negra e engajada nas lutas antirracistas. A mesma possui um programa na rádio comunitária estudantil intitulado “Cara Gente Branca”, um bordão que é usado cada vez que o programa vai ao ar. Além de ser ouvido e comentado por toda a universidade, o mesmo é também um dos meios midiáticos mais oportunos da série, pois refere-se a questões raciais que na sua maioria se tratam de inquietações e formulações da própria Sam, fazendo com que o rádio seja um modo de liberdade de voz e que essa midiatização alcance diversos espaços e conjunturas estruturais dentro da série. Além disso, é importante salientarmos ao sobrenome da personagem - White - que de modo controverso, pode ser visto como um signo que repercute no nome do programa, indicando que o público-alvo já explicitado, também, pode ser vislumbrado sobre outras perspectivas como “Caras pessoas de (Sam) White” ou “Caro público de (Sam) White”.

O programa “Cara Gente Branca”, resumidamente, aborda questões de racismo sofrido por alunos negros e sobre o racismo estrutural envolto da universidade, tudo isso sob um olhar da Sam, que tenta trazer tais assuntos sempre com um tom sarcástico e a realidade paralela entre alunos brancos e negros. Além disso, há uma questão sobre machismo e patriarcalismo implícitos em momentos da série, colocando como outro ponto a se acrescentar no seu discurso, pois, assim como o racismo, o machismo e

patriarcado também atuam na construção da experiência de uma mulher negra (COLLINS, 2017).

Neste estágio, por estarmos lidando com a noção de contra-hegemonia, é preciso, antes de tudo, conceituarmos o que é hegemonia. Conforme Coutinho (2014):

Hegemonia pode ser definida como a capacidade de um grupo social determinar o sentido da realidade, exercer sua liderança intelectual e moral sobre o conjunto da sociedade. A luta pela hegemonia - pela organização da cultura - é, nesse sentido, uma luta pela articulação de valores e significados que concorrem para direção político-ideológica dos indivíduos. Mas essa batalha de ideias não pode deixar de ser pensada, dialeticamente, como uma luta pela sistematização de formas culturais, isto é, de linguagens que expressam tais representações e conteúdos (COUTINHO, 2014, p. 41).

Já na conceituação de contra-hegemonia, o mesmo autor fala que:

A contra-hegemonia se coloca como possibilidade no momento em que, com o fortalecimento da sociedade civil, a supremacia de classe passa a envolver, além da coerção estatal, a direção político-cultural das massas, a busca do consentimento da dominação (COUTINHO, 2014, p. 148).

Com esse breve entendimento acerca de ambos os pensamentos, precisa-se debatê-los sob um olhar midiático e teórico na série em análise. É importante também salientar o ambiente acadêmico como palco principal de ações hegemônicas que moldam essa experiência e que por sua vez torna a academia um local de despertamento à mulher negra. Sob essa lógica, Alex Ratts (2006) ratifica que a consolidação da invisibilidade da mulher negra no meio acadêmico é traçada pois o seu outro (homem branco, homem negro e mulher branca) não a enxerga até mesmo se for detentora de um poderio intelectual.

A hegemonia acadêmica criada na série pode ser vista também sob um olhar midiático, e ao passo que esta acaba avançando, uma contra-hegemonia se reflete na mídia como meio de barrar esse progresso. A personagem Sam consegue traçar no ambiente universitário ações afirmativas que permeiam nos ouvidos dos estudantes, de um modo prático e acessível, utilizando o rádio e fazendo de sua voz o principal mecanismo de dois pilares identitários: ser mulher e negra. Neste estágio, é possível se utilizar das noções de interseccionalidade para compreendermos como essas

hegemonias delineiam a vida de uma mulher negra. Nesse sentido Dayane Assis (2019) aborda as questões interseccionais em três características básicas,

a) interseccionalidade é uma das ferramentas teórico-metodológicas possíveis para entender as múltiplas opressões; b) a interseccionalidade não estabelece uma hierarquia ou somatória de opressões; c) o lugar de fala de cada indivíduo é multirreferenciado a partir de suas experiências (ASSIS, 2019, p. 18).

Durante a série, muitos são os casos de opressões que a personagem sofre, quase todos ligados à sua imagem e representação, que corroboram para essas opressões simultâneas. *Birracial*, advinda de uma classe baixa e de bairro pobre da cidade, Sam sempre se mostrou como uma mulher independente e de forte influência para os seus colegas negros enquanto ativista, porém, Sam é mais do que uma ativista racial, ela é uma mulher com atravessamentos que sofre diversas opressões por meio dessa intersecção social. Sob o olhar de bell hooks (2019), podemos enxergar a personagem como uma espectadora que está dentro de um sistema supremacista branco e que, por causa da sua identidade e representação feminina, esse sistema acaba se complexificando e se problematizando.

A autoafirmação e autoidentificação são o que torna a personagem Sam White uma personificação das várias lutas identitárias que rompem com esse arcabouço hegemônico. Tal hegemonia é também entrelaçada em um contexto midiático, que atualmente é detentor de uma grande parcela de dominação que “cria imagens e reforça sentimentos como parte de sua estratégia de controle sobre a sociedade” (COUTINHO, 2014, p. 46). No entanto, como porta-voz dessa contra-hegemonia e reforçando sua identidade, Sam acaba por se tornar uma agente comunicante que contribui para o fortalecimento das afromídias, a fim de “expressar a visão de mundo crítica de um grupo social marginalizado” (COUTINHO, 2014, p. 34).

Decerto, a luta e engajamento nas causas sociais e raciais permeiam nas veias da personagem em questão, fazendo da sua voz um meio de libertação do seu corpo, midiaticamente falando. Parafraseando bell hooks (2019), por causa das hegemonias ligadas à exploração de classe e dominação do racismo e sexismo, as mulheres negras começaram a ser opositoras através das lutas, resistências e olhares “contra a maré”. Utilizar o meio radiofônico em uma universidade predominantemente branca em um horário propício para que toda a comunidade acadêmica ouça a locutora é quebrar com

esses padrões hegemônicos dominantes, nitidamente. Portanto, Samantha White é mais do que uma mulher, ela é a personificação das lutas identitárias midiáticas, que ecoa sua voz de forma transgressora para libertar o seu conteúdo histórico, social e racial.

Partindo do pressuposto discursivo, Foucault (1996) aponta que o discurso advém de inquietações que podem ser expressas a partir de pronúncias ou escritas. E que essas inquietações são ocasionadas por meio de diversas irregularidades que o sujeito foi coagido a passar, por isso os discursos são formulações destinadas às lutas, ferimentos, vitórias, dominações ou servidões, dentre outros. Por outro lado, para Grada Kilomba (2019, p. 42-43) para a mulher negra “falar torna-se assim praticamente impossível, pois quando falamos, nosso discurso é frequentemente interpretado como uma versão dúbia da realidade, não imperativa o suficiente para ser falada, tampouco ouvida”.

Tais inquietações são claramente reverberadas nos discursos propostos na série pela própria Sam, na qual se utiliza da estação de rádio comunitária estudantil para produzir e reproduzir o seu discurso que tem o enfoque em transgredir os pilares hegemônicos existentes no ambiente acadêmico. No entanto, esta fala é geralmente não ouvida, logo ela é invisibilizada, principalmente no ambiente acadêmico. A exemplo disso, a personagem Sam deixa claro esse momento de invisibilidade acadêmica ao dizer no episódio “Capítulo VI” (1:6) que “talvez, às vezes, eu apenas quero que me veja”, exemplificando que o lugar enquanto mulher negra só reforça essa invisibilização e solidão.

Ainda nos pensamentos do filósofo transgressor ocidental, Foucault (1996) versa que o discurso não é só um símbolo de luta ou de formas de dominação, mas sim o poder daquilo que nós podemos tomar posse. Em consonância a tal formulação, Fanon (2008, p. 33) afirma que “falar é sobretudo assumir uma cultura” e, com isso, é notório que Sam exerce esse lugar com maestria, pois logo no primeiro episódio, intitulado “Capítulo I”, o programa “Cara Gente Branca” possui um momento em que os ouvintes participam do mesmo por meio de ligações telefônicas. Na primeira ligação o ouvinte pergunta para Sam: “Cara gente branca? Você tem que admitir que seu programa já começa agressivo.” E como meio de defesa a personagem em questão responde: “Cara gente branca é uma metáfora, meu programa visa expor os sentimentos de um grupo mal representado fora da maioria” (1:1). E isso também é exposto quando no episódio “Capítulo VI” Sam confronta abertamente o sistema que estereotipa e marginaliza os

corpos negros: “Cara gente branca, a cor da nossa pele não é uma arma. Não precisam ter medo dela” (1:6). Evidencia que a supracitada personagem possui um poder midiático-discursivo e representativo, assumindo uma cultura contra-hegemônica no espaço determinado.

Nas entrelinhas dos pensamentos, neste estágio, Muniz Sodré (2006, p. 65) afirma que “o sujeito falante, social e comunitário, é esvaziado de suas próprias motivações e modalizações para tornar-se um comunicador ou informador, apoiado apenas na relação do discurso com as suas circunstâncias referenciais.” A personagem, neste caso, utiliza das suas projeções sociais para intervir midiaticamente naquilo que a incomoda, e como exemplo que ratifica este processo, ao final do primeiro episódio, Sam encerra com o seguinte discurso:

Cara gente branca, nossa! Vocês são duros na queda. Entendo que ser reduzido a uma generalização com base em raça é uma experiência nova e devastadora para alguns de vocês, mas esta é a diferença: minhas piadas não prendem seus jovens em níveis alarmantes, nem tornam perigoso você andar no próprio bairro, mas as de vocês sim. Quando vocês zombam, ou nos diminuem, vocês reforçam o sistema existente. Policiais olhando para um negro segurando uma arma, não veem um ser humano. Eles veem uma caricatura. Um bandido. Um negão, negão, negão. Então, não! Vocês não podem se fantasiar de nós no Dia das Bruxas e alegar ironia e ignorância. Não mais! (1:1).

Neste longo discurso, são perceptíveis a raiva e as inquietações que atravessam a personagem, e é também notável que a mesma sempre coloca no seu discurso a coletividade e o preterimento, na intenção de mostrar ao outro que está ouvindo de que a opressão que ela sofre é também sofrida por todas as outras pessoas negras, neste caso os alunos negros da universidade. A experiência que a tão citada Sam carrega é o fator primordial que a faz disseminar por todo o ambiente acadêmico, fazendo com que a sua voz seja ouvida, já que por anos fora silenciada.

No mesmo episódio, a personagem ainda fala na rádio a respeito de usar os negros como fantasias: “Cara gente branca, esta é uma lista de fantasias aceitáveis de Dia das Bruxas: pirata, enfermeira vadia, os primeiros 43 presidentes. A principal das fantasias inaceitáveis: eu” (1:1). Outro ponto a se observar aqui é o lugar de sujeito incompleto socialmente ao afirmar que o mesmo não é uma fantasia. Para isso, Kilomba (2019) diz que o sujeito incompleto é aquele que reconhece o espaço subjetivo, neste caso o social. Para além disso, nesse mesmo debate, Sam também faz uma crítica ao

lugar em que os negros estão sendo retratados, abordando uma violência simbólica que é instaurada na prática racista do *Black face*, que foi, aliás, o estopim que permitiu a trama da série.

A expressão oral midiática de Samantha White é, de fato, o principal elemento que corrobora com o entendimento de um processo contra-hegemônico, pois ela reinterpreta os símbolos dominantes, sobretudo de uma forma satírica e objetiva. As experiências, inquietações e projeções traçadas por ela são processos que partem de uma margem e vão ao centro, de um modo transgressor. E com isso, o seu discurso vem se adaptando àquela realidade, portanto não é um discurso único, é um território discursivo que vem sendo construído (RATTS, 2006). As histórias, falas e concepções da personagem são efeitos mediante um sistema que prega a opressão, fazendo dela um sujeito oprimido e que, com o auxílio da mídia, permite essa quebra de dominação.

Por conseguinte, a série é em si uma forte crítica aos sujeitos negros enquanto dominadores de poder e também uma crítica aos meios de comunicação de massa hegemônicos, favorecendo uma forma de emancipação social e identitária. Além disso, é uma crítica ensurdecidora ao viés academicista, visto que é um espaço de violência, tanto física quanto simbólica, que transcorre os corpos negros fragmentados pela diáspora. “Cara Gente Branca” é mais do que uma série. É um projeto audiovisual que nos provoca o entendimento de pessoas negras enquanto sujeitos falantes e disseminantes de suas próprias realidades, enquanto o espaço midiático nos permite crer que através das experiências instaurou-se uma mídia negra, com voz, escrita, som, imagem, espaço e, sobretudo, cor.

Considerações finais

Como modo de expor os pensamentos acerca de diversas situações em que o povo negro passa e sente, “Cara Gente Branca” é uma série que perpassa por vários caminhos entrelaçados a respeito disso. É notório que a mesma se passa num contexto também midiático criticando os espaços e formas de agir de um grupo socialmente dominante a outro que é marginalizado. A mesma também contribui de forma assertiva sobre as diversas opressões para com a vivência do corpo negro na academia, deixando explícita a forma como os alunos negros agem sobre determinadas causas.

Em virtude disso, por outro lado, a tão falada série elucida, principalmente, a perspectiva emancipatória que esses corpos possuem, e essa emancipação é dada sobre um viés midiático a partir das ações afirmativas da personagem em destaque do trabalho, Samantha White. Logo, nesse sentido, o estudo traz consigo esse ponto primordial, que é essa libertação de corpos num âmbito majoritariamente dominante. Os discursos em prol a contra-hegemonia acadêmica e midiática que a personagem relata são vozes que ecoam das margens e que precisam ser ouvidas no centro, e nisso a mesma consegue cumprir com tamanha qualificação, produzindo e reproduzindo uma emancipação midiática identitária.

Com base no que foi apresentado, a série dispõe de uma vasta concepção sobre o corpo negro na mídia, por isso ela contribui para os variados conceitos aqui apresentados e debatidos, como discurso e identidade. No entanto, a mesma rompe com os aspectos hegemônicos que a mídia convencional carrega, estabelecendo insubmissões que quebram, em partes, com este paradigma dominante. Tendo em vista o ambiente acadêmico como base para a produção do roteiro, a mesma afere esse lugar como um sustentáculo para a disseminação de informação e comunicação. Por fim, “Cara Gente Branca” é algo que nos permite enxergar além daquilo que podemos ver, nos vieses sociais, raciais, hegemônicos e midiático-discursivos.

Referências

ALAKIJA, Ana. Mídia e identidade negra. **Mídia e Racismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: De Petrus et Alii Editora, 2012.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

CARA Gente Branca. Direção/Produção: Justin Simien. Netflix, 2017. 3 volumes. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/80095698>>. Acesso em: 23/07/2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Se perdeu na tradução?** Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Parágrafo. v. 5, n. 1 Jan. –Jun. 2017.

COUTINHO, Eduardo Granja. **A comunicação do oprimido e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2014.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. Trad. L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, Sátira Pereira. **Mídia, infância e negritude: cidadania de afrodescendentes no Brasil. Mídia e Racismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: De Petrus et Alii Editora, 2012.

PINHO, Osmundo. **A guerra dos mundos homossexuais: resistência e contra-hegemonia de raça e gênero**. In: *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABAIA, 2004.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.